

SÍNODO
DA ARQUIDIOCESE
DE GOIÂNIA

Irmãos e irmãs,

A Igreja Católica em Goiânia vive um momento único em sua história, após a convocação de um Sínodo Arquidiocesano feita por seu arcebispo, Dom Washington Cruz, na Carta Pastoral Sínodo Arquidiocesano “O amor de Cristo nos uniu!”, aos 8 de dezembro de 2008. Três anos de preparação se passaram, com uma reflexão realizada sobre os grandes eixos em que se desenvolve a vida da Igreja e sua missão na sociedade: a Palavra de Deus, a liturgia e a caridade.

Agora, aproxima-se a Assembleia Sinodal, com a primeira sessão agendada para o próximo dia onze de fevereiro. Os três grandes temas de reflexão acima citados permanecem sendo a referência para um olhar sobre todos os campos da vida cristã. São um amplo horizonte que nos ajuda a não nos determos em detalhes que são pertinentes a outros âmbitos de decisão e atuação da Igreja, como por exemplo, os conselhos estáveis que cuidam do cotidiano de nossas comunidades, movimentos e associações, bem como de instituições e obras assistenciais ligadas à Arquidiocese.

Temos a responsabilidade de promover uma Nova Evangelização nos vinte e sete municípios que compõem nossa Arquidiocese. Nova Evangelização num momento histórico de grandes instabilidades, mas, sobretudo, com um potencial

imenso de comunicação, comunhão e partilha, em que nossos contemporâneos esperam a Verdade e o Bem, Jesus Cristo, que nos livra de todas as formas de relativismo e de materialismo desagregador.

Com este Instrumento de Trabalho, esperamos oferecer-lhe pistas para continuar sua reflexão dentro da perspectiva do Concílio Vaticano II, aproximado por textos recentes do Magistério. Elaborado em três partes, este Instrumento pode ser lido no mesmo ritmo das sessões sinodais. A primeira parte se refere à primeira sessão e assim por diante. Bom trabalho!

Com minha bênção,



Dom Waldemar Passini Dalbello

Bispo Auxiliar de Goiânia

Instrumento de Trabalho do Sínodo da Arquidiocese de Goiânia

I Parte

A Palavra

“... e o Verbo era Deus...e se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,1.14)

A primeira chave de leitura com a qual queremos compreender o mistério de Jesus Cristo e da Igreja, a fim vivenciá-lo e anunciá-lo mais profundamente, é o tema da Palavra de Deus. Queremos começar nosso percurso destacando o objeto da nossa fé, aquilo em que cremos.

Deus criou tudo por sua Palavra e comunicou-se com o homem através dela. A Igreja é fundada sobre a Palavra, nasce e vive dela e é a partir dela que se renova constantemente¹. Por esse motivo, a Palavra de Deus sempre teve um lugar central na vida da Igreja, que no espírito de atenta escuta procurou perscrutá-la em profundidade a fim de anunciá-la com destemor a todo o mundo, cumprindo assim as palavras do Apóstolo:

O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpado no tocante ao Verbo da vida – porque a vida se manifestou, e nós a temos visto; damos testemunho e vos anunciamos a vida eterna, que estava no Pai e que se nos manifestou –, o que vimos e ouvimos nós vos anunciamos,

1 Cf. BENTO XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini*, 3.

para que também vós tenhais comunhão conosco².

O fruto dessa escuta e desse anúncio foi amplamente transmitido por escrito ao longo dos séculos, sobretudo da parte do Magistério da Igreja, seja ele universal ou local. Mais próximos de nossa geração, dois documentos da Igreja Universal agruparam no seu texto o fruto dessa reflexão, mesmo que em linhas gerais, de modo que eles nos servirão de guia no nosso percurso. São eles: a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, e a Exortação Apostólica pós-Sinodal *Verbum Domini*, do Papa Bento XVI. O objetivo é favorecer a reflexão próxima para estimular os trabalhos da primeira Assembleia Sinodal, sobre a Palavra de Deus, na vida e na missão da Igreja de Goiânia.

1. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus (...) e o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,1.14)

Quando usamos o termo “Palavra de Deus”, somos levados a pensar quase espontaneamente na Bíblia, pois normalmente usamos os dois termos como sinônimos. Em certo sentido não estamos errados, mas precisamos compreender o que o Papa, junto com os padres sinodais, chamou de “a analogia da Palavra de Deus”³.

² 1Jo 1,1-3.

³ BENTO XVI, *Verbum Domini*, 7.

1.1. “Muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus...” (Hb 1,1)

Deus criou tudo através de sua Palavra⁴. Se voltarmos ao livro de Gênesis, veremos que o relato da criação no primeiro capítulo tem uma dinâmica centrada na palavra. Cada versículo que descreve a criação *em seis dias* é construído com a seguinte estrutura: “Deus disse: faça-se (algo), e foi feito”. Pela Palavra dita, pelo Seu Verbo, Deus criou todas as coisas. Por isto, toda criação traz em si os vestígios do Verbo, de modo que a natureza criada se abre como um livro onde está escrita, ainda que não de modo pleno, a Palavra de Deus. Podemos falar de um verdadeiro “livro da natureza”⁵. O homem, com sua razão, seria capaz de conhecer a Palavra de Deus por meio desse livro⁶.

Mas Deus não queria deixar o homem com esse conhecimento imperfeito, uma vez que o homem pecou e seu intelecto ficou obscurecido⁷. Com aquele desejo de se dar a conhecer, que é próprio de quem ama, Deus “fez ouvir a sua voz, com a força do seu Espírito”⁸ pelos profetas, preparando desse modo o momento de plena revelação de si mesmo e de seu plano de amor.

⁴ Cf. Gn 1. Essa mesma afirmação faz São Paulo em Cl 1,13-20.

⁵ BENTO XVI, *Verbum Domini*, 7; CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Dei Verbum*, 3.

⁶ Cf. Rm 1,20.

⁷ Cf. *Dei Verbum*, 6.

⁸ BENTO XVI, *Verbum Domini*, 7; *Dei Verbum*, 3.

Como nos ensina o autor da Carta aos Hebreus: “Muitas vezes e de diversos modos Deus falou outrora aos nossos pais pelos profetas. Ultimamente nos falou por seu Filho, que constituiu herdeiro universal, pelo qual criou todas as coisas”⁹. Chegando a plenitude dos tempos, querendo revelar-se e revelar o seu plano de amor plenamente aos homens, Deus disse definitivamente e plenamente a sua Palavra aos homens.

A Palavra – o Verbo, ou o *Logos* – é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Filho. Ele se fez homem, assumindo nossa natureza humana. Assim, a Palavra pela qual Deus criou todas as coisas, a Palavra que havia comunicado ao povo de Israel através dos profetas, foi dita aos homens, e essa Palavra é o Filho de Deus encarnado, Jesus Cristo.

Por isso, em sentido próprio, quando dizemos “a Palavra de Deus”, estamos nos referindo a Jesus Cristo, o Filho de Deus que se fez carne¹⁰. “Aqui a Palavra não se exprime primariamente num discurso, em conceitos ou regras; mas vemo-nos colocados diante da própria pessoa de Jesus. A sua história, única e singular, é a palavra definitiva que Deus diz à humanidade”¹¹, de modo que o cristianismo não é a religião do livro, mas de uma pessoa, Cristo.

Jesus, “com toda a presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição dentre os mortos, enfim com o envio do Espírito de verdade, aperfeiçoa a Revelação

9 Hb 1,1-2.

10 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 7.

11 BENTO XVI, *Verbum Domini*, 11.

completando-a, e confirma-a com um testemunho divino”¹². Por isso Jesus podia dizer: “Aquele que me viu, viu também o Pai”¹³.

1.2. “Guarda o precioso depósito, pela virtude do Espírito Santo” (2Tm 1,14)

Antes de subir aos céus, Jesus mandou que os Apóstolos fossem pelo mundo e pregassem o Evangelho¹⁴, ou seja, fossem e pregassem a Palavra de Deus, “como fonte de toda a verdade salutar e de toda a regra moral”¹⁵. “Este mandato foi cumprido com fidelidade, quer pelos apóstolos, que na sua pregação oral, com os exemplos da vida e com as instituições, por eles criadas, transmitiram aquilo que ou tinham recebido dos lábios, da convivência e das obras de Cristo, ou tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo”¹⁶. Tudo isso que os apóstolos deixaram à Igreja, chamamos de Sagrada Tradição dos Apóstolos.

Parte daquilo que foi pregado pelos Apóstolos foi consignado por escrito, seja por eles mesmos ou pelos “varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação”¹⁷. Aquilo que o Senhor revelou de si mesmo ao longo da história de Israel que precedeu a encarnação e o nascimento

12 *Dei Verbum*, 4.

13 Jo 14,9.

14 Cf. Mc 16,15.

15 ""

16 *Dei Verbum*, 7.

17 *Dei Verbum*, 7.

de Cristo, e que foi transmitido por escrito, primeiro ao povo judeu e depois ao novo Israel, a Igreja, nós chamamos de Antigo Testamento. O que nos foi transmitido por escrito do quanto foi pregado pelos Apóstolos, nós chamamos de Novo Testamento.

Sedo assim, a Palavra de Deus nos é transmitida pela Sagrada Tradição e pela Sagrada Escritura, de modo que “a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus”¹⁸, “derivando ambas da mesma fonte divina, formam como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim”¹⁹. Portanto, a Bíblia, ou Sagrada Escritura, é palavra de Deus enquanto escrita por inspiração do Espírito Santo. Um lugar privilegiado de encontrarmos uma fonte viva da Tradição é o *Catecismo da Igreja Católica*, pois nele está o testemunho privilegiado dos Padres da Igreja²⁰ e de todos os autores que herdaram este testemunho e que ao longo dos séculos aprofundaram sua reflexão sobre o Evangelho, traduzindo-o como doutrina da Igreja Católica²¹.

Essa Palavra confiada aos Apóstolos, eles a transmitiram aos seus sucessores: o Papa e os bispos em comunhão com ele, cujo ensinamento chamamos de Sagrado Magistério. A esse Magistério do Papa e dos bispos em comunhão com ele, por autoridade de Cristo, compete guardar, interpretar e ensinar infalivelmente a Palavra

18 *Dei Verbum*, 10.

19 *Dei Verbum*, 9.

20 Santos Padres foram os Santos, bispos e sacerdotes, que nos primeiros séculos da Igreja, pela proximidade com os apóstolos, nos deixaram o eloquente testemunho daquilo que nos foi transmitido oralmente na Tradição dos Apóstolos.

21 Cf. *Dei Verbum*, 8.

de Deus ao longo dos séculos²². Vale recordar com o Concílio que o “Magistério evidentemente não está acima da palavra de Deus, mas a seu serviço”²³.

2. “Tua palavra é lâmpada para os meus passos, luz para o meu caminho” (Sl 118,105)

A Palavra de Deus é um grande dom para a humanidade. Em Cristo, recebemos tudo do Pai. Ele é a Palavra de Deus sobre a qual a Igreja se constrói e se reconstrói. Como todo dom que é confiado à responsabilidade de quem o recebe, assim a Palavra de Deus que nos foi dita, chamando-nos a um diálogo de amor, requer do cristão acolhida e resposta livres. Se o cristão quer viver com autenticidade deve encontrar-se com a Palavra, acolhê-la e a ela dar uma resposta de fidelidade.

Assim entendemos que o nosso ser cristão e a vida da Igreja, enquanto comunidade de irmãos em Cristo, dependem do encontro pessoal com Jesus e da nossa resposta de fé a Ele. Por isso, essa acolhida e resposta livres se dão pela redescoberta da Palavra de Deus na nossa vida, seja pessoal seja comunitária. E é a isto que a Igreja nos convoca²⁴.

22 *Dei Verbum*, 7.10.

23 *Dei Verbum*, 10.

24 Toda a Exortação Apostólica pós-Sinodal *Verbum Domini* tem como pano de fundo um renovado apelo à redescoberta da Palavra de Deus na vida de cada cristão e da comunidade-Igreja.

Como temos acesso à Palavra de Deus na Sagrada Escritura, isto é, na Bíblia, este forte apelo da Igreja se torna um chamado à leitura orante da Bíblia. Vejamos, então, os dois âmbitos dentro dos quais podemos nos encontrar com Cristo nas Escrituras.

2.1. “Fala, Senhor, que teu servo escuta” (1Sm 3,10)

Seguindo as pegadas do Documento de Aparecida, sabemos que a Igreja se compreende como comunidade dos discípulos-missionários de Jesus²⁵. O discipulado começa com o encontro pessoal com Jesus, encontro esse que nos permite descobrir em Cristo aquela plenitude sonhada pelo Pai para a humanidade²⁶. Em Jesus o homem se compreende, compreende sua vocação ao amor, à beatitude²⁷.

Encontrando-se com Jesus, o homem pode decidir livremente segui-lo, tornando-se discípulo. Mas esse encontro não determina de uma vez para sempre a vida do discípulo. Ele precisa continuar vivendo nessa e dessa relação com Cristo, cuidando para que essa relação seja alimentada quotidianamente num caminho de seguimento e de conversão contínuos. Para isso o homem deve valer-se de diversos meios, sobretudo aqueles comprovadamente praticados pela Igreja na sua longa caminhada. Dentre esses meios de cultivar a relação com Cristo está a *Lectio divina*, ou leitura orante da

25 Cf. CELAM, Documento de Aparecida, 1.

26 Ser cristão não é fruto de uma decisão ética, mas do encontro com uma pessoa, com Jesus.

Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est*, 1.

27 Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, 22.

Palavra de Deus, seguindo a longa experiência de diversos mestres espirituais²⁸.

Por meio dos cinco passos propostos por esse método de leitura das Escrituras – Leitura, Meditação, Oração, Contemplação e Ação –, o cristão pode descobrir o rosto de Cristo em cada passagem da Escritura. Lendo, meditando, rezando, contemplando e agindo, o homem pode acolhê-lo, ouvir o seu apelo em cada momento da vida, deixar-se plasmar pela força de sua Palavra, deixar-se seduzir pelo seu amor comunicado pelos seus gestos²⁹.

Nesse encontro cotidiano com Cristo, o cristão pode responder livre e conscientemente ao Senhor, dar fundamento à sua vida, edificada na relação com Jesus.

2.2. “Senhor, a quem iríamos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo 6,68)

A Palavra de Deus não foi dada a uma pessoa, mas à esposa de Cristo, a Igreja, que é formada por cada cristão, quais tijolos de uma mesma construção. Ela foi dada a um nós³⁰. Por isso devemos sempre passar do âmbito pessoal ao âmbito comunitário, se quisermos compreender profundamente o que Deus nos diz por sua Palavra. É de dentro da Igreja como comunidade de irmãos que tem Cristo como cabeça³¹, no sulco

28 Cf. *Dei Verbum*, 25; BENTO XVI, *Verbum Domini*, 86. O Papa repete ao longo de todo o documento, como que uma antífona, o chamado à redescoberta da leitura orante da Palavra de Deus como meio de cultivar e aprofundar a relação com Cristo.

29 Cf. Jr 20,7.

30 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 4.

31 Cf. Cl 1,18.

da Tradição Apostólica, guiados pelo Magistério do Papa e dos bispos, que podemos haurir todo o tesouro da Palavra de Deus.

Concretamente, isto implica dizer que devemos viver o mesmo processo de encontro, de decisão, de seguimento e conversão contínuos, num nível comunitário. Em primeiro lugar, vivemos isto na Liturgia, lugar onde a *Ekklesia*, isto é, a comunidade dos chamados por Deus, se reúne em torno da Palavra e dos Mistérios/Sacramentos, para se encontrar com o Senhor.

Ao mesmo tempo, devemos nos organizar nos pequenos grupos nos quais a comunidade-Igreja se torna concreta, para juntos lermos, meditarmos, rezarmos, contemplarmos a Palavra de Deus e agirmos radicados no encontro vivido com o Senhor. Esse grupo pode ser a família reunida, em torno da Bíblia entronizada em um lugar de destaque dentro da casa, as pequenas comunidade rurais e urbanas, as comunidades de base, os círculos de leitura, as reuniões das diversas pastorais e movimentos, os momentos coletivos em geral. Tudo deve ser vivido e fundado no encontro com Cristo, de modo que Palavra de Deus anime toda a vida da Igreja, fazendo com que a fonte de animação e motivação da nossa vida cristã seja Cristo mesmo, comunicado a nós nas escrituras³².

2.3. “Vós já estais purificados pela palavra que eu vos disse” (Jo 15,3)

“De fato, viva é a Palavra de Deus, eficaz e mais incisiva do que qualquer espada

32 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 73.

de dois gumes”³³, ela faz de inveterados pecadores, verdadeiros santos. Essa verdade, a Igreja a experimentou ao longo desses quase dois mil anos. Os santos são homens e mulheres forjados pela Palavra de Deus, que se santificaram no encontro com Cristo e no seu seguimento e conversão contínuos. Ícones vivos da Palavra, eles atestam que a renovação pessoal e da comunidade cristã passa inevitavelmente pelo encontro com as Sagradas Escrituras.

Além disso, a vida dos santos – membros eminentes da comunidade-Igreja, pelos quais elementos particulares da vida de Cristo se tornaram mais evidentes – é para nós possibilidade de confronto e de luz para nos ajudar no nosso caminho pessoal e comunitário de encontro e seguimento de Cristo³⁴.

2.4. “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho” (Mc 16,15)

A experiência do discipulado está vinculada estreitamente à missão. Somos discípulos-missionários de Cristo. Sendo assim, nossa vida, plasmada pelo encontro com a Palavra de Deus, deve se tornar um testemunho eloquente daquilo que pessoal e comunitariamente lemos, meditamos, rezamos e contemplamos. Além disso, temos o dever de anunciar explicitamente o Evangelho, cada um segundo as condições da própria vocação.

Cristo é nossa luz, ele é “o caminho, a verdade e a vida”³⁵ que queremos que

33 Hb 4,12.

34 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 48.

35 Jo 4,6.

todos conheçam, a fim de que o mundo possa participar dessa comunhão de amor com Cristo, razão de nossa alegria e esperança³⁶.

3. O homem vive “de tudo o que sai da boca do Senhor” (Dt 8,3)

“A Igreja não vive de si mesma, mas do Evangelho; e do Evangelho tira, sem cessar, orientação para o seu caminho”³⁷. Com essas palavras, o Papa quer nos indicar o fundamento da nossa vida cristã pessoal e em comunidade, bem como o princípio criativo e renovador de nossa presença na sociedade.

Com essa provocação, podemos fazer lançar um olhar sobre nossa Igreja Particular, recolhendo as contribuições individuais e comunitárias que foram oferecidas ao longo do triênio de preparação para o Sínodo Arquidiocesano.

3.1. “...ouvimos falar de vossa fé em Jesus Cristo...” (Cl 1,4)

Antes de tudo, devemos dar graças a Deus pelas diversas experiências compartilhadas no triênio preparatório. Elas nos deram a possibilidade de reconhecer a bondade do Senhor que atua constantemente da vida da Igreja. Essa atuação incessante é verificada em tantos âmbitos da vida da nossa Igreja particular, que no seu caminho reflete aquela luz que vem de Cristo e que brilha na vida de seus membros.

36 Cf. 1Jo 1,1-3; Jo 15, 10-12.

37 BENTO XVI, *Verbum Domini*, 51.

Reconhecemos com gratidão que bons passos já foram dados no que diz respeito à relação com a Palavra de Deus:

– agradecemos a Deus porque em nossas comunidades existe uma sincera motivação da parte de seus líderes para que a comunidade leia, medite e reze com a Palavra. As comunidades têm mostrado grande desejo de conhecer a Palavra de Deus, de nela fundamentar sua vida e, à medida que tal desejo se torna efetivo, as comunidades têm dado grande testemunho da força da Palavra de Deus, seja na sua vivência, seja no seu anúncio;

– os momentos celebrativos, de modo bastante particular a Santa Missa, têm sido uma ocasião privilegiada em que os fiéis se reúnem e escutam a Palavra de Deus, que tem construído e solidificado nossas comunidades;

– a motivação dada durante o tempo de preparação para o Sínodo aos movimentos e pastorais que se dedicam ao pastoreio das famílias favoreceu um maior comprometimento com a educação religiosa dos filhos, colaborou para que, por meio da leitura da Palavra de Deus, muitos problemas encontrassem luz e um caminho de resolução;

– o anúncio da Palavra de Deus a crianças e adolescentes tem aberto a possibilidade de um futuro distante do pecado e mais próximo de Deus. Para os jovens, este anúncio tem motivado à participação na vida da comunidade. Não podemos deixar de agradecer a Deus pelos encontros do nosso Arcebispo com os

jovens durante a Quaresma, com o objetivo de rezarem juntos, com a Palavra de Deus. Esses encontros têm sido fonte de grande alegria para os jovens e de grande encorajamento para uma vida cristã autêntica;

– cresce o número de fecundas iniciativas nas nossas comunidades e no âmbito arquidiocesano com o intuito de estudar mais profundamente a Palavra de Deus. Esse estudo tem sido frutuoso na vida pessoal de muitos e de nossas comunidades. Agradecemos a Deus os bons cursos oferecidos pelas diversas equipes de nossa Arquidiocese. Ressaltamos a Escola de Ministérios e a Escola Catequética, dentre outras iniciativas paroquiais e arquidiocesanas;

– no âmbito da missão, agradecemos a Deus pela possibilidade de anúncio da Palavra pelos meios de comunicação, pelas missões populares realizadas em diversas partes de nossa Arquidiocese, pela iniciativa de muitos grupos de levar a Palavra de Deus às famílias e às pessoas que tinham se distanciado da comunidade-Igreja e da prática da fé. Grande contributo tem dado o material preparado pelas diversas equipes arquidiocesanas que ajudam no anúncio da Palavra de Deus;

– a presença de nosso Arcebispo tem sido um sinal forte da Palavra de Deus e momento ímpar de evangelização. Junto dele, a presença dos padres, sempre muito respeitados pelo povo, dá à Igreja a possibilidade de anunciar oportuna e inoportunamente o Evangelho.

Por tudo isso, damos graças ao Bom Deus!

3.2. *“Jesus, Filho de Davi tem piedade de mim...” (Mc 10,47)*

De outro lado, reconhecemos com humildade que existem lacunas a serem preenchidas, erros a serem corrigidos, elementos da vida de nossa Arquidiocese que precisam ser requalificados:

– muitos membros de nossas comunidades e movimentos não se interessam pela leitura, meditação e oração com a Sagrada Escritura, ou não se habituaram a esse momento de silêncio, escuta e resposta a Deus que nos fala. Isso acaba por tornar infantil a espiritualidade de muitos, leva a uma falta de profundidade na fé, de unidade entre fé e vida e, em muitos casos, à falta de testemunho, mesmo da parte dos líderes;

– pela dificuldade de atenção na escuta da Palavra, pela falta de uma boa preparação da parte de quem a lê, nossas liturgias, sobretudo a da Santa Missa, têm perdido o seu fervor e a possibilidade de ser fonte de transformação e renovação pessoal e comunitária;

– muitas famílias ainda não leem, não meditam e não rezam com a Bíblia estando os membros reunidos, o que dificulta a transmissão da fé dos pais aos filhos e a motivação da vivência da fé;

– as iniciativas de anunciar a Palavra de Deus às crianças, aos adolescentes e jovens, com uma linguagem adaptada a eles, ainda são tímidas em muitas de nossas comunidades, o que favorece o afastamento de muitos membros dessas faixas etárias ou mesmo a procura por outras comunidades cristãs;

– a falta de interesse, do conhecimento de um bom método e de lideranças bem formadas dispostas a colaborar, tem dificultado o anúncio e o aprofundamento na relação com a Palavra de Deus. Além disto, o descaso de muitos líderes na participação dos momentos formativos nas comunidades ou nas iniciativas propostas pela Arquidiocese cria um desnível entre a liderança e um anúncio superficial do Evangelho nos momentos celebrativos, da catequese etc;

– o despreparo dos catequistas no conhecimento da Palavra de Deus, transmitida pelas Escrituras e a Tradição da Igreja, torna a catequese fraca, pouco motivadora, não atraindo aqueles que dela participam e não dando as respostas devidas aos questionamentos impostos à fé;

– a falta de disponibilidade de muitos líderes e da assunção da responsabilidade por parte de todos tem enfraquecido o anúncio do Evangelho nos diversos âmbitos da vida do homem, seja na cidade ou no campo. Os membros das comunidades nem sempre se colocam à disposição para ir ao encontro daqueles que precisam ouvir o Evangelho, seja através das iniciativas formais propostas na comunidade, seja nos momentos quotidianos da vida ordinária;

– a falta de um número suficiente de sacerdotes, a pouca preparação dos que temos, a falta de compromisso pessoal no estudo e oração com a Palavra de Deus, a falta de uma espiritualidade mais profunda e de dedicação exclusiva à missão que receberam, tem dificultado o bom pastoreio por parte dos padres. Tudo isso faz

com que eles não tenham tempo para anunciar o Evangelho ou o anunciem com superficialidade ou o tornem pouco compreensível, que não tenham tempo de vivê-lo junto com a comunidade, que não sejam capazes de motivar as comunidades à leitura e oração com a Palavra de Deus.

Por tudo isso, pedimos perdão ao Senhor.

3.3. “...*aplica-te à leitura da Escritura, à exortação, ao ensino*” (1Tm 4,13)

Como o desejo de que o que é bom se torne ainda melhor, e o que não é bom seja corrigido, apresentamos como sugestões:

– estimular e favorecer o encontro pessoal e comunitário com a Palavra de Deus, seja por meio da oração pessoal, seja nos momentos de reunião nos diversos grupos, movimentos e pastorais, de modo que a Escritura seja conhecida, amada, vivida concretamente, testemunhada nos diversos momentos de nossa vida. Isso requer um empenho pessoal e a oferta, por parte das lideranças, de momentos e espaços para que tal encontro se realize;

– ajudar para que cada pessoa, família, tenha sua própria Bíblia, de modo que todos tenham um acesso facilitado à leitura e oração com a Palavra de Deus;

– oferecer momentos de formação em âmbito paroquial e arquidiocesano que possibilitem às pessoas aprenderem um método de leitura da Sagrada Escritura, tais como: a *Lectio divina*, a leitura contínua, a meditação, dando a elas possibilidade de

serem acompanhadas, na medida do possível, nesse belo caminho com Cristo³⁸;

- favorecer a formação de grupos de leitura contínua e meditação da Palavra de Deus³⁹;

- cuidar da preparação dos leitores, que proclamam a Palavra de Deus nas celebrações litúrgicas, de modo que a anúncio qualificado desperte a atenção e o interesse pela escuta da Palavra proclamada;

- uma vez que na liturgia a Palavra deve ser proclamada e escutada, e não lida, podemos rever o papel e a conveniência dos folhetos litúrgicos na celebração da Santa Missa;

- que a Palavra de Deus seja valorizada e colocada no seu lugar de destaque, e jamais seja substituída por nenhuma outra leitura durante as celebrações litúrgicas;

- ter nas Igrejas paroquiais e nas capelas, na medida do possível, um lugar conveniente para a proclamação da Palavra e para a homilia;

- deixar a Bíblia entronizada dentro dos templos, de modo que ela seja reconhecida na sua importância para a vida da Igreja⁴⁰;

- criar iniciativas pastorais para ir ao encontro das famílias anunciando-lhes a

38 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 86.

39 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 73.

40 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 68.

Palavra de Deus, por meio de celebrações, novenas e terços em família;

- encorajar as famílias a terem Palavra de Deus entronizada em suas casas, de modo a fazer dela o fundamento daquela casa e o ponto de partida da vida conjugal, da educação dos filhos e da vida em geral⁴¹;

- promover encontros específicos para casais, baseados na leitura, meditação e oração com a Palavra de Deus;

- fazer o anúncio da Palavra de Deus adequado ao público que a escuta;

- permear com o Evangelho toda ação pastoral nas comunidades, de modo que ele seja amplamente anunciado e explicado para as pessoas⁴². Um valor especial têm aqueles momentos nos quais sabemos que muitas pessoas afastadas da vida da comunidade-Igreja e da prática da fé têm a chance de ouvir a Palavra de Deus, por exemplo, curso de pais e padrinhos, curso de noivos, missa de sétimo dia, cerimônia de exéquias, visita a doentes etc;

- preparar bem em nível teórico as pessoas que assumem a missão de um anúncio explícito da Palavra de Deus em nossas comunidades, tendo como critério de escolha a disposição e o empenho pessoal no estudo das Escrituras, com uma espiritualidade ligada à oração com a Palavra de Deus, além do coerente testemunho público daquilo que anuncia;

41 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 85.

42 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 73.

– acolher, incentivar e valorizar a ação missionária dos jovens em nossas comunidades, oferecendo-lhes a possibilidade, por meio de retiros, cursos etc., de se formarem para essa missão na escuta e no conhecimento da Palavra, na construção de uma relação profunda com Cristo, de modo que novas lideranças jovens sejam suscitadas e os próprios jovens evangelizem os jovens⁴³;

– oferecer um grande e qualificado número de oportunidades de formação acerca da Palavra de Deus para todos os ministérios envolvidos na pastoral, convidando assessores qualificados e em sintonia com a Igreja, de modo que o conhecimento favoreça a intimidade com a Palavra de Deus e, conseqüentemente, o seu anúncio. Dentre essas oportunidades aparece como grande necessidade a oferta de cursos bíblicos adaptados às diferentes realidades de nossa Igreja particular;

– a catequese deve ser permeada da Palavra de Deus e os catequistas mestres em anunciá-la e explicá-la⁴⁴;

– encontrar novos meios de viver a dimensão missionária da parte da comunidade e da parte de cada cristão: visitas a hospitais, presídios, vizinhança, bairros etc. Quem se encontra com Cristo quer anunciá-lo ao mundo e se sente impelido a encontrar o melhor modo de fazê-lo⁴⁵;

43 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 104.

44 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 74.

45 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 95.

– os padres precisam cuidar da sua formação pessoal em relação ao conhecimento e ao contato pessoal com a Palavra de Deus por meio do estudo e da oração, de modo que possam preparar homilias consistentes, profundas, capazes de ir ao encontro das pessoas; estar atentos para anunciarem o Evangelho em sintonia com a Igreja, de modo que os sacerdotes formem um coro uníssono no anúncio fiel de Cristo, dentro do sulco da Tradição;

– os padres precisam dedicar-se com mais generosidade ao anúncio da Palavra não só nos momentos comunitários, mas naqueles momentos de encontro pessoal com os fiéis, dando a eles ampla possibilidade de se encontrarem com seu pastor e receberem dele o anúncio segundo a realidade pessoal;

– que a celebração dos sacramentos seja assumida pelos sacerdotes como possibilidade ímpar de anúncio do Evangelho, sobretudo para aqueles que ouvem a Palavra somente nessas ocasiões⁴⁶.

Para realizar tudo isso, pedimos: Dai-nos, Senhor, as graças que nos são necessárias!

3.4. “Mestre, o que devo fazer...?” (Mc 10,17)

Com o intuito de refletir mais sobre a Igreja e de encontrar caminhos de restauração, podemos nos questionar:

46 Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 53.

1. O que é a Palavra de Deus para mim, para nós?
2. Como temos cultivado nossa relação com a Palavra de Deus?
3. Como a Palavra de Deus tem plasmado a nossa vida pessoal e comunitária?
4. Como buscamos a coerência entre o que lemos na Escritura e o que vivemos no nosso cotidiano como cristãos, nos diversos contextos da nossa existência?
5. Qual tem sido nosso empenho para conhecer mais profundamente a Palavra de Deus escrita e a Sagrada Tradição, testemunhada na doutrina da Igreja?
6. Em nossos grupos, que lugar ocupa a Palavra de Deus?
7. Como temos anunciado a Palavra de Deus? Com qual empenho?
8. Em nossas famílias, que lugar ocupa a Palavra de Deus?

II Parte

A Liturgia

“Que alegria quando me disseram: vamos à casa do Senhor!” (Sl 120,1)

Na primeira parte nos detivemos diante do mistério da Igreja com base naquilo em que ela crê, ou seja, a partir da Palavra de Deus, que é Jesus mesmo, transmitido a nós como conteúdo de nossa fé. Nesta segunda parte queremos levar em consideração outra chave de leitura: a liturgia.

Mantendo a unidade de nosso percurso, devemos considerar a liturgia em íntima ligação com a Palavra da Deus, pois quando a Igreja celebra a liturgia, ela confessa a fé recebida dos apóstolos. Daí o adágio antigo: *lex orandi, lex credendi* (“a lei da oração é a lei da fé”), ou então: *legem credendi, lex statuat supplicandi* (“a lei do que suplica estabeleça a lei do que crê”, segundo Próspero de Aquitânia [século V]). A lei da oração é a lei da fé, ou seja: a Igreja traduz em sua profissão de fé aquilo que expressa em sua oração⁴⁷.

Por isso, ao adentrarmos no mistério da Igreja considerando a liturgia, a compreendemos como a comunidade dos fiéis que, em Cristo e no Espírito, oram ao Pai celebrando sua fé e aquilo em que creem.

⁴⁷ Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1124.

1. “a Ele seja dada glória na Igreja, e em Cristo Jesus, por todas as gerações” (Ef 3,21)

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja se torna sempre mais consciente de ser o Povo de Deus⁴⁸. Este qualificativo atribuído à Igreja, que não esgota a compreensão do seu mistério, deve ser completado por outro termo da teologia de São Paulo: a Igreja é Corpo (Místico) de Cristo. Uma e outra designação da Igreja têm, em relação à liturgia, grande significado. Vejamos cada um deles.

1.1. “Ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja” (Cl 1,18)

Quando somos batizados, nos tornamos templos do Espírito Santo, que é o Espírito de Cristo, e assim nos tornamos filhos do Pai⁴⁹. Essa filiação se dá pelo dom do Espírito que recebemos de Jesus, que é o Seu Espírito, de modo que somos enxertados em Cristo, como ramos na videira⁵⁰, e nos tornamos filhos no Filho de Deus e membros do seu Corpo⁵¹. A Igreja, então, é chamada a viver como Corpo Místico de Cristo, crescendo em graça e santidade diante de Deus e dos homens, como fez Jesus mesmo⁵², até atingir a estatura perfeita em Cristo⁵³.

48 Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 9-17.

49 Cf. Gl 4,6-7.

50 Cf. Jo 15,1-17.

51 Cf. Rm 12,12-31.

52 Cf. Lc 2,40.52.

53 Cf. Ef 4,13; WASHINGTON CRUZ, *O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia*, 8.

Esta santidade que a Igreja é chamada a viver não é obra de suas mãos, mas é fruto da ação santificadora de Jesus. Assumindo a condição humana, exceto o pecado, Jesus ofereceu-se livremente em ato de amor obediente ao Pai, para dar a ele a glória que lhe era devida e para redimir a humanidade de seus pecados, santificando-a plenamente⁵⁴.

Uma vez que a Igreja é o Corpo Místico de Cristo e o seu sacramento de salvação, ela deve prolongar essas duas dimensões em seu agir no mundo, isto é, ela deve dar a glória que é devida ao Pai e atuar a santificação da humanidade⁵⁵. Como a ação da Igreja é ação do Corpo unido à sua Cabeça, então, em última instância, é Cristo que age na e através de sua Igreja no mundo.

Com esses pressupostos, podemos compreender o sentido mais profundo da liturgia: ela “é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros”⁵⁶.

Podemos, então, tirar como conclusão dois elementos importantes⁵⁷. Primeiramente, que a liturgia é ação de Cristo. É ele o *liturgo* por excelência. É Ele

54 Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, 5.

55 Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 6.

56 *Sacrosanctum Concilium*, 7.

57 Cf. WASHINGTON CRUZ, *O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia*, 56.

quem, por meio do seu Espírito, age na liturgia, dando glória ao Pai e santificando a humanidade ao longo da história⁵⁸. Em segundo lugar, temos que a razão da Liturgia é dar glória a Deus e santificar os homens. Essa razão da Liturgia se expressa de modo mais evidente nos sete sacramentos da Igreja. Esses são sinais sensíveis e eficazes que concedem a graça invisível de Deus, e são o modo ordinário que Cristo deixou à Igreja para comunicar-nos a salvação. Por eles, Deus é glorificado e o homem é santificado.

Essas duas dimensões se tornam particularmente evidentes no Sacramento da Eucaristia. Na Santa Missa, a Igreja oferece por Cristo, com Cristo e em Cristo, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda a glória ao Pai, ao mesmo tempo em que, unida a seu Senhor, é santificada pela comunhão com o mistério da Cruz, atualizado por este sacramento. Por isso a liturgia, de modo particular da Santa Missa, é a fonte e o cume de toda a vida cristã⁵⁹. Eis o motivo pelo qual a Igreja insiste sempre mais no valor da participação na Santa Missa dominical e na vivência da espiritualidade própria deste dia⁶⁰.

Outra expressão litúrgica forte de louvor ao Pai e da santificação do homem, e que vem sendo redescoberta e sempre mais valorizada, inclusive entre os fiéis leigos, é a *Liturgia das Horas*. Nela a Igreja usa a própria Palavra de Deus para rezar ao Pai, unindo-se ao Filho, pelo Espírito Santo, e santifica as horas do seu cotidiano por meio de pequenas pausas vividas na intimidade com Cristo, em oração, oferecendo a

58 Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 7; WASHINGTON CRUZ, *O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia*, 64.

59 Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 10.

60 Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 106.

Deus a sua *laus perene* (louvor perene)⁶¹.

1.2. “...agora sois povo de Deus” (1Pd 2,9)

O segundo termo com o qual designamos a Igreja e que nos ajuda a entender a liturgia é *Povo de Deus*.

Como ação de Cristo Cabeça e de seus membros, podemos ainda dizer, de Cristo Cabeça através de seus membros, a Liturgia tem um forte caráter comunitário, eclesial, sendo, portanto, um tesouro da Igreja de todos os tempos e lugares. Todos e cada membro da comunidade dos fiéis, unidos em Cristo, pelo Espírito Santo, oferecem o louvor e a glória ao Pai e colaboram para a santificação de todos os homens. E fazem isso em comunhão uns com os outros, como *Povo de Deus*.

A realidade da Igreja como *Povo de Deus* indica que cada membro, na sua particular vocação, tem sua missão e sua responsabilidade dentro dessa mesma comunidade. Todos têm, independente do estado de vida, a mesma dignidade, e cada um, segundo sua particular vocação, oferece ao todo da comunidade aquilo que lhe é específico para que ela cresça e se santifique⁶².

Na liturgia, então, cada um tem um papel preciso, que nunca deve ser confundido, mas assumido com responsabilidade e propriedade, e que não está em oposição aos demais. Por isso, na liturgia, cada um deve fazer tudo e só aquilo que lhe

61 Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 83-100.

62 Cf. WASHINGTON CRUZ, *O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia*, 32.

compete, preparando-se com esmero para oferecer com generosidade o que de Deus recebemos, formando com o todo um coro uníssono de louvor e adoração ao Pai e de súplica pela santificação da comunidade e da humanidade inteira.

Daqui podemos tirar algumas conclusões importantes.

A liturgia é confiada ao *Povo de Deus* na sua totalidade, o que implica dizer que é um tesouro que foi sendo descoberto e aprofundado ao longo de todo o caminho da Igreja, de todos os tempos e lugares. Celebramos a liturgia que recebemos como uma herança bimilenar das gerações cristãs que nos antecederam e cabe a nós, nesse momento histórico, transmitir esse tesouro às gerações que nos sucederão. Essa prática de “receber e transmitir”, já presente nas Escrituras⁶³, nos remete à Tradição da Igreja, da qual faz parte a liturgia⁶⁴. Um tesouro recebido, aprofundado e transmitido, assim como os demais elementos da Tradição, não é propriedade de nenhum fiel na sua individualidade, mas tem toda a Igreja como depositária. A liturgia, portanto, vive sua dinâmica dentro da comunidade-Igreja sob a guarda fiel do Magistério Eclesiástico, que recebe de Cristo essa missão⁶⁵.

A segunda conclusão é que como Cristo, ao assumir a natureza humana, respeitou o que lhe é próprio, a liturgia, ação de Cristo Cabeça e Corpo, deve respeitar aquela ordem que lhe é própria, ordem essa que foi amadurecida no seio da Igreja e

63 Cf. 1Cor 11,23.

64 Cf. *Dei Verbum*, 8.

65 Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 22.

confirmada pelo Magistério. Evitando os extremos do “anomismo” (ausência total de lei) e do “rubricismo”, as regras litúrgicas nos dão a possibilidade de, respeitando os ritos, deixar transparecer aquela beleza que é a ação de Cristo, que se torna visível através da ação da Igreja⁶⁶. Além disso, evitam-se, assim, improvisações e uma criatividade alheia ao espírito e ao sentido da liturgia.

Para tanto, precisamos desenvolver uma verdadeira cultura celebrativa que nos permita descobrir os tesouros da liturgia, admirá-la e valorizá-la, vivendo-a de modo sempre mais intenso e frutuoso. Essa cultura inclui a cuidadosa preparação dos diversos momentos litúrgicos da comunidade, além de uma verdadeira educação à escuta e ao silêncio, nos seus mais diversos aspectos. A preparação das celebrações deve traduzir a sobriedade e a simplicidade que são próprias de Cristo, principal agente na liturgia, e deve também ser atenta aos momentos, ao lugar onde se celebra, objetos e vestes a serem usados, cantos, à Palavra a ser proclamada, ao ambiente espiritual, interior e exterior, pessoal e comunitário⁶⁷.

Desse modo, todo o corpo, em estreito laço de comunhão com Jesus e entre os seus membros, dá glória ao Pai e coopera na santificação da humanidade.

66 Cf. WASHINGTON CRUZ, *O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia*, 60-67.

67 Cf. WASHINGTON CRUZ, *O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia*, 69-75.78.90-91; *Sacrosanctum Concilium*, 28-29.

2. “*Santifica-os pela verdade*” (Jo 17,17)

Tendo presente a Constituição Conciliar *Sacrosanctum concilium* bem como a Carta pastoral *O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia*, do nosso arcebispo Dom Washington, queremos olhar para a realidade de nossa arquidiocese no que toca à liturgia. Com sincera disposição, queremos olhar a verdade da realidade em que vivemos para ver as luzes e as sombras que existem, procurando sugerir um caminho a ser percorrido que nos dê a chance de melhorar o que já está bom e de corrigir o que precisa ser melhor. Faremos isso levando em conta as diversas contribuições dadas pelas comunidades ao longo do triênio de preparação.

2.1. “*A Ele louvor e glória eternamente*” (Dn 3,52)

Deus sempre agiu na vida de Sua Igreja e continua agindo. Reconhecemos com gratidão todo o bem que Deus realizou em nossa Igreja e com o qual nós cooperamos. Entre aqueles sinais da presença de Deus, no âmbito da vida litúrgica de nossa Arquidiocese, destacamos:

- a carta pastoral *O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia* escrita por nosso arcebispo, que ajudou no aprofundamento de diversos temas, de modo particular em relação à liturgia, proporcionando uma ampla reflexão no segundo ano de preparação do sínodo e servindo de ponto de referência para uma avaliação objetiva da vida litúrgica de nossas comunidades;
- os diversos encontros de formação litúrgica oferecidos pelas equipes de

pastoral litúrgica em nossa Igreja particular de Goiânia, nos âmbitos paroquial e arquidiocesano. Destacamos aqui os encontros dedicados ao canto litúrgico e o encontro de preparação para a Semana Santa;

- a qualidade das pessoas que assessoram os encontros de formação litúrgica;
- a riqueza dos materiais litúrgicos preparados pela Coordenação Pastoral, com o intuito de ajudar as paróquias a prepararem bem a liturgia, sobretudo nos momentos mais solenes e festivos. Podemos destacar o folheto litúrgico *Comunhão e Participação*, as apostilas e os CDs com os cantos litúrgicos e o subsídio para a Semana Santa;
- as diversas iniciativas arquidiocesanas e paroquiais que valorizam a liturgia em momentos particularmente significativos da vida da Igreja que está em Goiânia e das paróquias com suas comunidades. Destacamos a celebração do *Corpus Christi* e de Nossa Senhora Auxiliadora, e nas paróquias, a celebração da festa dos padroeiros e das novenas;
- a adesão e a participação de grande número de irmãos nas celebrações litúrgicas de nossa Arquidiocese e de nossas paróquias com suas comunidades;
- o interesse de um grande número de líderes em conhecer mais sobre a liturgia e de qualificar a preparação cuidadosa dos momentos de celebração, seguindo as orientações pastorais dadas pelo Magistério do Papa e dos bispos.

2.2. *“Tende piedade, ó meu Deus, misericórdia” (Sl 50,3)*

Muitos elementos ainda podem ser melhorados e muito ainda deve ser feito. Com humildade e honestidade reconhecemos como elementos que não condizem com a verdade da liturgia:

- falta de comunhão e de sintonia entre os diversos grupos que preparam e atuam nos momentos litúrgicos;
- falta de preparação daqueles que presidem os momentos litúrgicos, pouco ajudando a assembleia a viver estes momentos e a traduzi-los na própria vida;
- desconhecimento do conteúdo presente nos documentos papais e do nosso arcebispo sobre a liturgia;
- desinteresse de alguns pela formação litúrgica e pela preparação litúrgica comunitária;
- rejeição, por parte de alguns, ao espírito e às normas litúrgicas aprofundadas e reafirmadas pela Igreja;
- a incoerência, por parte da comunidade, entre a fé celebrada e a fé vivida.
- a falta de conhecimento e de preparação das pessoas que compõem as nossas assembleias acerca da liturgia, dificultando a participação ativa e frutuosa das celebrações;

– a má qualidade e/ou o mau funcionamento dos aparelhos eletrônicos usados nas celebrações (som, instrumentos musicais etc.), dificultando a comunicação durante as mesmas;

– a postura arbitrária e autônoma de alguns padres nas celebrações, criando a sua própria liturgia e ignorando a riqueza dos textos litúrgicos usados por toda a Igreja;

– em algumas paróquias com suas comunidades, falta quem se disponha a assumir a missão de colaborar na preparação das celebrações litúrgicas;

– repetição excessiva de cantos e o uso inadequado de alguns que não são próprios para a liturgia.

2.3. *“Que é que nós devemos fazer, irmãos?” (At 2,37)*

Com o desejo sincero de continuar nosso caminho, apresentamos como sugestões para uma possível renovação da nossa liturgia:

– continuar a oferecer os cursos de formação litúrgica, mas de um modo descentralizado, isto é, nos vicariatos, para torná-la mais acessível a um maior número de pessoas, e usando uma linguagem que seja próxima a todos, segundo a condição do lugar onde o curso é ministrado;

– motivar o conhecimento e o estudo dos livros litúrgicos, de modo particular o *Missal Romano* e o *Lecionário*, a fim de se descobrir as riquezas neles contidas;

– divulgar e incentivar a leitura dos diversos documentos e subsídios litúrgicos, que possam colaborar na formação litúrgica pessoal dos membros da comunidade;

– como boa parte das pessoas de nossas paróquias e suas comunidades só participam da Missa dominical, seria importante preparar momentos de formação litúrgica que pudessem alcançar esses irmãos nesse momento preciso de sua presença na comunidade, ajudando-os a participar de maneira mais frutuosa de nossas celebrações;

– organizar uma atuante pastoral litúrgica em nossas paróquias com suas comunidades, a fim de dar formações aos grupos que se envolvem nas celebrações litúrgicas e de preparar os diversos momentos celebrativos, nos seus diversos âmbitos;

– tornar a formação litúrgica transversal, isto é, inseri-la como argumento formativo em todos os grupos, pastorais e movimentos das nossas paróquias;

– favorecer o crescimento qualitativo e quantitativo da pastoral da liturgia, dando oportunidade para que novos membros a integrem;

– motivar a preparação pessoal remota, próxima e imediata para uma participação frutuosa na liturgia, o que implica estudo e oração pessoal;

– incentivar e favorecer nas paróquias e suas comunidades a oração da *Liturgia das Horas*;

– o presidente da celebração e outros que façam uso da fala, utilizem uma linguagem adaptada à realidade de cada assembleia;

– oferecer cursos específicos sobre arte sacra que favoreçam a construção e/ou a reforma de nossas igrejas paroquiais e capelas, de modo que elas ofereçam um espaço litúrgico adequado para oração, respeitando as devidas normas litúrgicas emanadas pela Santa Sé e aquelas contidas no *Guia de Informações para Projeto e Execução de Igrejas*;

– oferecer formações com um conteúdo específico para a preparação do ambiente celebrativo;

– aproveitar-se da riqueza que a liturgia nos oferece: uma grande possibilidade de textos eucológicos, já consagrados, que devem ser lidos por todos os celebrantes e, ao mesmo tempo, os diversos espaços nos quais se pode fazer uso de palavras próprias de um modo criativo e sóbrio;

– qualificar, dentro das reais possibilidades de cada paróquia, os instrumentos tecnológicos usados na comunicação dentro da liturgia, dando mais qualidade às celebrações;

– preparar bem e valorizar os grupos de acólitos e coroinhas que assistem os sacerdotes durante as celebrações;

– rever a possibilidade de instituir leigos como leitores e acólitos, formando

assim um grupo qualificado para atuar nas celebrações, em suas respectivas funções;

– favorecer e valorizar a atuação específica de cada ministério em sua missão particular, de modo que a liturgia seja enriquecida e se torne visível sua dimensão comunitária e eclesial.

Para que possamos continuar nossa reflexão, podemos retomar as perguntas transcritas por Dom Washington Cruz em sua carta pastoral:

1. Os ritos e os gestos que realizamos são verdadeiramente gestos de Cristo?
2. A liturgia que celebramos é um espaço dado a Cristo ou, sobretudo, é reservado para nós próprios?
3. O tempo consagrado à liturgia é um tempo em que Cristo fala ou, antes, é um tempo em que falamos de nós próprios ou é, simplesmente, um tempo vazio?
4. A liturgia que celebramos, em vez de seguir uma ordem, é uma sequência de ritos?
5. Será também uma fonte de ordem nas nossas relações com os outros?
6. Será fonte de ordem interior para nós mesmos?

Podemos ainda nos questionar:

7. Tomamos posse da liturgia ou deixamos que ela seja a liturgia da Igreja?

8. Como estamos cuidando da preparação dos diversos elementos que compõem a liturgia em nossas comunidades?

9. Como cada um, no seu lugar específico, tem colaborado com o todo?

10. Estamos vivendo um “anomismo” ou um “rubricismo” que ofusca a beleza da liturgia? Como podemos superar esses extremos?

11. Qual nosso empenho para a formação litúrgica pessoal e de nossas comunidades?

III Parte

A Caridade

“Nós, porém, amamos, porque Deus nos amou primeiro” (1Jo 4, 19)

A terceira chave de leitura com a qual queremos penetrar mais profundamente no mistério da Igreja se refere ao testemunho que ela dá de Cristo, acreditado como Palavra de Deus e celebrado na Liturgia, colocando-se a serviço dos irmãos⁶⁸, serviço este que a Sagrada Escritura designa com o nome de amor ou caridade⁶⁹.

Observando a vida humana compreendemos que “todos os homens sentem o impulso interior para amar de maneira autêntica”⁷⁰, pois o amor é “a vocação colocada por Deus no coração e na mente de cada homem”⁷¹, de modo que a reflexão sobre o amor nos faz adentrar no tema que o Beato João Paulo II chamava de “a fundamental e originária vocação do ser humano”⁷². Podemos certamente afirmar que todos e cada um dos seres humanos são vocacionados por Deus fundamentalmente e originalmente ao amor.

68 Cf. WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 5.

69 Cf. Como explica Dom Washington Cruz em sua carta pastoral, o termo amor e o termo caridade têm significados equivalentes, ainda que possuam algumas distinções bastante sutis (WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 3). Por isso, a partir daqui usaremos estes termos como sinônimos.

70 BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in veritate*, 1.

71 BENTO XVI, *Caritas in veritate*, 1.

72 JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Familiaris consortio*, 11.

Com o objetivo de compreender melhor este mistério de amor inerente à vida do homem e da Igreja, caridade que “brota do amor trinitário de Deus, fortalece-se na mensagem bíblica e no magistério da Igreja, alimenta-se na Eucaristia, consolida-se na vivência fraterna da comunidade cristã e deve ser universal, gratuita e criativa”⁷³, e a fim de vivê-lo melhor, vamos procurar aprofundar o sentido de tal mistério à luz da Palavra de Deus.

1. “...porque Deus nos amou por primeiro” (1Jo 4,19)

Quando falamos de amor e de caridade dentro da vida cristã, é comum pensarmos nos atos que, como cristãos, sentimo-nos motivados a fazer ou que já fizemos. Colocar o amor em prática é, certamente, uma dimensão importante da nossa vida cristã, da nossa resposta de fé ao Senhor, mas o agir como resposta é precedido por outra dimensão mais fundamental e importante: o fato de termos sido amados por Deus. Porque Deus nos amou por primeiro, nós somos movidos a amar. Portanto, para falarmos de caridade, devemos antes falar do amor que Deus manifestou pelo homem desde a sua criação.

Como as Sagradas Escrituras são o testemunho fiel desse amor, procuraremos inicialmente conhecer o amor de Deus do modo como Ele nos revelou ao longo da história da salvação.

⁷³ WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 6.

1.1. “Israel é meu filho, o meu primogênito” (Ex 4,22)

Lendo as Escrituras, podemos perceber um dado de grande relevância para a compreensão da história da salvação: Deus criou o homem por amor e desde a sua criação lhe propôs uma relação de comunhão no amor. Essa relação de comunhão, compreendida pelo povo de Deus dentro da sua história, teve seu ponto alto no evento central da existência de Israel como povo: a Aliança feita com o Senhor aos pés do monte Sinai.

Nessa Aliança, Deus e Israel passavam, por meio de uma mútua doação de amor, a pertencer um ao outro. O Senhor se comprometia a ser o Deus de seu povo e, em contrapartida, Israel se comprometia, como povo de Deus, a obedecer aos seus mandamentos, como resposta à amorosa iniciativa divina.

Da parte de Deus essa Aliança jamais foi quebrada, pois ele sempre foi fiel ao seu compromisso de amor. Não obstante a gratuidade desta Aliança, o povo de Deus mostrou-se infiel, desobediente, e muitas vezes traiu o amor de seu Criador, rejeitando o amor que havia recebido de Deus. Fiel ao pacto feito, o Senhor sempre oferecia uma nova possibilidade de reconstruir a Aliança quebrada, de modo que a história se alternou entre a fidelidade de Deus e a constante infidelidade do povo⁷⁴.

A partir da própria experiência de mal, de pecado, de infidelidade, quer seja pessoal, quer seja comunitária, e diante da oferta gratuita de aliança feita por Deus, renovada diversas vezes ao longo do tempo, o povo de Israel compreendeu que a sua

⁷⁴ Cf. Ex 19,1-20,21; 32,1-35,3.

história, arquétipo da história humana, era uma história que revelava o amor de Deus como um amor misericordioso⁷⁵.

Esse amor misericordioso era designado no Antigo Testamento por seis termos diferentes em hebraico, que podem ser resumidos em dois: *hesed* e *rah^amim*. Juntos, esse dois termos indicam um amor que é complacente, pronto a superar a justiça puramente legal para ser fiel a si mesmo e à própria palavra dada, um amor gratuito, paciente, compreensivo, pronto para perdoar, sendo da parte de quem ama uma exigência do coração⁷⁶.

Podemos ver a seguinte passagem que concentra na pessoa divina todos esses significados do amor misericordioso, como se fossem seus próprios atributos, como se descrevessem o próprio ser de Deus:

O Senhor passou diante dele, exclamando: “Adonai, Adonai, Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e em fidelidade, que conserva sua graça até mil gerações, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não tem por inocente o culpado, porque castiga o pecado dos pais nos filhos e nos filhos de seus filhos, até a terceira e a quarta geração” (Ex 34,6).

Na versão grega do Antigo Testamento, a linguagem usada incluiu o patrimônio cultural da cultura grega. No que diz respeito ao tema do amor, uma particular

75 Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dives in misericordia*, 4.

76 Cf. *Dives in misericordia*, 4, nota 52.

relevância tem o ambiente grego de então. Os gregos antigos usavam três palavras distintas que podem ser traduzidas pela palavra amor. São elas *eros*, *philia* e *ágape*.

O *eros* seria o amor presente na relação entre o homem e a mulher, que não nasce da inteligência e da vontade, mas que é imposto ao homem como uma força quase incontrolável, seria “o inebriamento, a subjugação da razão por parte de uma loucura divina que arranca o homem da sua existência e, neste estado de transtorno por uma força divina, faz-lhe experimentar a mais alta beatitude”⁷⁷, sendo inicialmente ambicioso, egocêntrico.

Como o *eros* foi celebrado como força divina, como comunhão com o divino, a ponto de ser considerado um Deus, essa ideia de *eros* entrou em choque com a fé monoteísta do povo de Deus, que via como incompatível a divinização do *eros*. Um reflexo disto é que a palavra *eros* só foi usada duas vezes no Antigo Testamento grego. Deixado por si mesmo, o *eros* faz com que o homem use de tudo e de todos como objeto do inebriamento que ele procura. Sendo assim o *eros* se torna queda, degradação do homem e não subida para o divino.

Para que o *eros* ofereça ao homem a beatitude prometida, este necessita de disciplina, de purificação. Ele não pode simplesmente deixar-se subjugar pelo instinto, mas deve ser amadurecido. E tal amadurecimento passa pela estrada da renúncia, que não é rejeição do *eros*, mas sua cura, seu amadurecimento.

77 BENTO XVI, *Deus caritas est*, 4.

É nesse ponto que a cultura helênica se encontra com a revelação bíblica. Em alguns livros veterotestamentários, a linguagem do amor entre o homem e a mulher é assumida de modo análogo, passando a ser usado para descrever a relação de amor de Deus com a humanidade. Essa relação de amor manifesta qual a purificação que deve sofrer o *eros* e em que direção ela o leva.

No livro *Cântico dos Cânticos* aparecem duas palavras hebraicas que se referem ao amor: inicialmente *dodim*, um plural que exprime o amor ainda inseguro, numa situação de procura, e depois a palavra *ahabá*, que é traduzida por *ágape* no grego. Esta última palavra significa o amor que descobre o outro, que supera o egoísmo, que se torna cuidado com outro e, ao invés de buscar a si mesmo, busca a felicidade e o bem do ser amado, até o ponto de aceitar o sacrifício. O *ágape* é, portanto, o amor desinteressado, altruísta, *ex-cêntrico*, no sentido contrário de egocêntrico, no qual o ser amado é o centro⁷⁸.

Vemos, assim, que quanto mais o *eros* vai em direção do outro mais se afasta de si, ou seja, quanto mais se aproxima da alteridade, mais supera o seu caráter egoísta. Fazendo esse movimento de purificação, o amor passa de seu momento *eros* para o seu momento *ágape*. O amor no fundo é o mesmo, com dois momentos diferentes, e é aqui que se manifesta a novidade bíblica.

Nos livros dos profetas Oseias e Ezequiel, o amor de Deus pelo seu povo é

78 Cf. BENTO XVI, *Deus caritas est*, 6.

descrito com imagens relativas ao *eros*, ilustradas com a metáfora do noivado e do matrimônio: Deus é o esposo fiel e o seu povo é sua esposa infiel⁷⁹. A infidelidade do povo dá oportunidade para que o amor *eros* de Deus mostre que é, ao mesmo tempo, *ágape*. Traído por seu povo, Deus poderia agir com justiça, julgá-lo e repudiá-lo. Mas ele faz justamente o contrário. Ele ama, perdoa, virando-se contra a Sua própria justiça, uma vez que há algo ainda maior, a caridade. Por isso é um amor *ágape*. É um amor apaixonado e ao mesmo tempo de doação total de si, sem expectativas de retribuição. Assim, podemos afirmar que o amor de Deus “pode ser qualificado sem dúvida como *eros*, que no entanto é totalmente *ágape* também”⁸⁰.

Contrariando a imagem errada do Deus do Antigo Testamento, muitas vezes concebida, vemos que ele é puro amor. “O Antigo Testamento poderia ser chamado de história do amor de Deus para com o ser humano”⁸¹. Ele, “verdadeiro Deus, em sua profunda e íntima verdade, não é um Deus que oprime e castiga, não um Deus temível, à espreita de condenações e sofrimentos. Pelo contrário, ao revelar-se, ele mesmo é doador e formador de amor no ser humano. Por isso, toda a criação – e de modo particular, o ser humano – é um reflexo, uma transparência de Deus-Amor”⁸².

79 Cf. Os 11,1-10.

80 BENTO XVI, *Deus caritas est*, 9.

81 WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 12.

82 WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 9.

1.2. “E amando os seus (...) amou-os até o fim” (Jo 13,1)

Acompanhando os fatos da história, Israel teve que reconhecer que sua resposta ao amor de Deus foi muitas vezes a infidelidade, mas reconheceu também que esta infidelidade se tornou espaço de uma nova experiência do amor de Deus, um amor recriador. A amorosa gratuidade de Deus, manifestada durante toda a história da salvação e desejosa de reconstruir a Aliança rompida, foi levada até o extremo, até ao ponto que seu amor, ele mesmo como amor, se encarnou⁸³. Neste mistério de amor, Deus se faz homem, se faz carne, arma a sua tenda no nosso meio e assume um nome: Jesus⁸⁴.

Jesus é o Filho de Deus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade que, em absoluta liberdade e, impulsionado pelo seu amor sem fim, fez-se homem, de modo que, por seu estar próximo, é Deus quem se aproxima de nós. O amor na história tem um nome: Jesus Cristo. Ele é o amor encarnado, ele é o próprio Deus, que é amor e que se fez carne. Em Jesus se faz visível, de um modo inaudito, o amor de Deus revelado no Antigo Testamento, aquele amor misericordioso *hesed*, *rah^amim*, *eros* e totalmente *ágape*. Assim, “a verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos”⁸⁵, incluindo o conceito do amor.

Pendendo do madeiro, Jesus ama sua esposa com um amor *eros*, apaixonado,

83 Cf. Jo 1,1-18.

84 Cf. Mt 1,18-25; Lc 1,26-38.

85 BENTO XVI, *Deus caritas est*, 12.

e totalmente *ágape*, doa a sua vida pela humanidade pecadora, que o rejeita, o trai. Em Cristo, o *hesed* de Deus, também chamado de *rah^amim*, se torna visível de um modo inaudito. Ele não somente fala desse amor, mas o é e o vive⁸⁶. Em Jesus a história da autorrevelação e da autocomunicação de Deus encontra o seu ponto culminante, pois, em Cristo, o Pai se revela de modo pleno e surpreendente. Esse amor revelado na pessoa de Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, um dom confiado à nossa responsabilidade e que, por isso, deve ser assumido livremente pelo cristão e respondido conscientemente.

Dentro da ética neotestamentária, a resposta do homem para a autorrevelação e autocomunicação de Deus Pai em seu Filho Jesus Cristo é uma resposta de fé, melhor dizendo, resposta de fé que opera através do amor. A encarnação de Jesus é a manifestação histórica do amor de Deus e esta manifestação está na origem e no fundamento da experiência de fé. Deus se doa e doa ao homem a possibilidade de viver em relação com Ele, e essa doação, que espera depois pela resposta do homem, está na base da vida cristã, da vida de fé. A fé, portanto, aparece como a resposta exigida diante da revelação de Deus Pai em Jesus Cristo. Em primeiro lugar, vemos que a resposta de fé é uma adesão à pessoa de Jesus, o enviado do Pai. Crer significa crer nele, dar assentimento à sua pessoa, confiar-se a ele. Como consequência, crer em Jesus significa deixar-se guiar por suas palavras que, por meio do Espírito Santo, são atualizadas na vida dos fiéis.

86 Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in misericordia*, 2.

Sendo a própria pessoa de Jesus o conteúdo da revelação, no qual o amor de Deus se revela e se encarna, o ato de crer coloca o crente no dinamismo do seu amor. Crer em Jesus é crer no amor que dele recebemos e que a ele, por meio da fé, respondemos. O discípulo crê no amor de Deus revelado, feito homem em Jesus Cristo e, crendo nesse amor, ele mesmo passa a ser motivado a amar. O discípulo é chamado a crer amando e a amar crendo. Crer, como resposta de fé, e amar, como atitude moral, são a mesma e única exigência ao discípulo de Cristo.

A fé em Jesus coloca o cristão no dinamismo do amor. Na verdade, o amor aparece como fruto da fé, pois crer em Jesus e no amor do Pai que ele revela, tem como consequência para o cristão seu compromisso de amar. Uma vez que Deus enviou o seu Filho para a salvação do mundo, revelando assim o seu imenso amor, esse amor se torna a norma mais fundamental do cristão. O amor torna-se, portanto, a resposta de fé do cristão no amor de Deus. Amar é a resposta moral fundamental da qual derivam todas as demais atitudes cristãs.

Como o mandamento de Jesus é: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15, 12), o amor com o qual o cristão responde a Deus deve ter as mesmas características do amor que o Senhor nos revelou.

Da fé no amor de Deus manifestado historicamente em Jesus Cristo nasce o amor-resposta, não como um mandamento imposto externamente ao homem, mas como consequência e fruto da autêntica fé. Sem dúvida, tomando consciência do amor de Deus

manifestado em Jesus, o cristão passa a se empenhar pelo amor como fez Jesus. “Nisto temos conhecido o amor: (Jesus) deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos” (1Jo 3,16).

Por isso, podemos afirmar sem dúvida que “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”⁸⁷, ou seja, que uma vida cristã vivida autenticamente é aquela fundada no amor que nasce do encontro com Cristo que nos amou e por nós se entregou. Podemos concluir com as palavras o Papa Bento XVI:

A caridade é amor recebido e dado; é “graça” (*châris*). A sua nascente é o amor fontal do Pai pelo Filho no Espírito Santo. É amor que, pelo Filho, desce sobre nós. É amor criador, pelo qual existimos; amor redentor, pelo qual somos recriados. Amor revelado e vivido por Cristo (Jo 13,1), é “derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5). Destinatários do amor de Deus, os homens são constituídos sujeitos de caridade, chamados a fazerem-se eles mesmos instrumentos da graça, para difundir a caridade de Deus e tecer redes de caridade⁸⁸.

Da experiência do amor de Cristo, do encontro com ele, no cultivo diário desta relação por meio da oração, o cristão passa a dar a sua resposta de fé, uma resposta

87 BENTO XVI, *Deus caritas est*, 12.

88 BENTO XVI, *Caritas in veritate*, 5.

de amor a Deus que se torna concreta no amor aos irmãos. Esse testemunho de amor, de sacrifício de si, de serviço aos irmãos, é a contribuição que o cristão dá para a evangelização e para a salvação do mundo⁸⁹.

Com o intuito de darmos, como Igreja particular, a nossa resposta de amor a Cristo e de colaborarmos com a evangelização, devemos passar para a segunda parte de nossa reflexão, na qual vislumbraremos juntos os caminhos concretos de atuação da nossa resposta de fé, como resposta de amor a Deus no amor aos irmãos.

2. “Nós, porém, amamos...” (1Jo 4,19)

Como vimos acima, em Cristo o amor de Deus ganhou carne e sangue e foi oferecido a todos os homens de todos os lugares e tempos. A Sagrada Escritura nos dá o testemunho do encontro de amor de muitos homens e mulheres com Cristo e como, a partir desse encontro, responderam ao amor de Deus vivendo concretamente sua fé em Jesus. É esse o caminho da Igreja, um caminho onde a experiência do amor “se transforma em experiência de conversão”⁹⁰ e o exercício da caridade “uma sábia e santa forma de evangelizar”⁹¹.

Na nossa procura sincera de dar uma resposta de amor a Cristo, colocando este

89 Cf. WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 4.19.

90 WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 18.

91 WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 18.

amor concretamente em prática, devemos, portanto, nos deixar guiar pela Palavra de Deus, particularmente pelos Evangelhos, pois eles nos oferecem um paradigma seguro de como hoje também nós podemos nos encontrar com Jesus e dar a ele nossa resposta de fé-amor, respondendo concretamente aos apelos de nosso tempo. Isso é possível, pois os Evangelhos não são apenas “uma doutrina apta a regular as relações do homem com Deus, uma doutrina desencarnada, como muitos quiseram denominá-la, e que leva o ser humano a distanciar-se dos problemas temporais e das situações existenciais”⁹², mas eles “contêm também princípios sociais para uma convivência livre e segura e para a promoção plena e completa da pessoa humana”⁹³.

Para nos auxiliar na tradução do paradigma evangélico em nossa resposta pessoal de amor, servindo de eixo para a nossa reflexão e discernimento, e sucessivamente a concretização das conclusões, devemos nos valer também da *Doutrina Social da Igreja*. Esta “em sua essência, não é mais que a aplicação do Evangelho às circunstâncias concretas da vida dos homens, em nossa sociedade e em nosso tempo”⁹⁴, “é o ensino do Magistério em matéria social e contém princípios, critérios e orientações para a atuação do crente na tarefa de transformar o mundo segundo o projeto de Deus”⁹⁵. Tais princípios orientadores são: o do bem comum, da destinação universal dos bens,

92 WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 16.

93 WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 16.

94 WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 44.

95 JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, 41.

da participação, da solidariedade e da subsidiariedade⁹⁶.

No caso concreto da Arquidiocese de Goiânia, essa doutrina de alcance universal encontra sua atualização e adaptação espaço-temporal na carta pastoral *O amor vence tudo*, de Dom Washington Cruz, escrita para o terceiro ano do triênio de preparação do Sínodo, o ano da caridade.

Nossa Igreja, que está em Goiânia, deseja ser testemunha desse amor que salva e evangeliza, que constrói uma convivência livre e segura entre os homens e promove a sua plena dignidade revelada em Cristo. Iluminados por esses textos é que queremos entender como tornar concreta nossa resposta de amor a Deus e aos irmãos. Para tanto, vamos ordenar as diversas contribuições colhidas nas diferentes esferas eclesiais de nossa comunidade arquidiocesana ao longo do triênio de preparação para o Sínodo, de modo a oferecer elementos de reflexão que nos ajudem a discernir o modo como dar uma resposta mais responsável e qualificada ao Senhor.

2.1. “Dai graças ao Senhor porque Ele é bom” (Sl 117,1)

O olhar cristão sobre a realidade que nos cerca e sobre nossa própria vida, pessoal e comunitária, deve ser sempre realista, o que comporta saber reconhecer o que de bom o Senhor já nos motivou e capacitou a fazer, pois é Deus quem, segundo

96 Cf. WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 45.

o seu beneplácito, realiza em nós o querer e o executar⁹⁷.

Muito já foi feito em nossa diocese como resposta de amor ao amor de Deus por nós, e somos gratos ao Senhor por nos ter dado todas as graças necessárias para que nossas iniciativas, permeadas das nossas limitações humanas, inclusive o pecado, pudessem produzir muitos e bons frutos.

Podemos destacar como resposta concreta de fé, que atua através da caridade:

- a Feira da Solidariedade;
- as iniciativas sociais que giram em torno da PUC-GO e que dela dependem direta ou indiretamente;
- a obra de caridade promovida pela Santa Casa de misericórdia;
- as obras sociais das diversas congregações religiosas, movimentos, associações e pastorais, que vão ao encontro das mais diversas necessidades dos nossos irmãos carentes no corpo ou na alma;
- a visita e a assistência à pessoa e às famílias com as mais diferentes necessidades materiais e espirituais, por parte de nosso Arcebispo, dos nossos padres, religiosos(as) e leigos das diversas pastorais em nossas comunidades;
- as diversas iniciativas dos movimentos e pastorais na criação e coordenação

97 Cf. Fl 2,13.

de grupos que atendem problemas concretos vividos por muitos de nossos irmãos, tais como a dependência química ou do álcool;

– a denúncia profética das estruturas de pecado através dos organismos oficiais de nossa Arquidiocese e da ação individual dos membros de nossas comunidades, padres, leigos e religiosos;

– as atividades de formação da consciência que ajudam, pessoal e comunitariamente, a assunção da responsabilidade cristã diante dos momentos que envolvem a vida em sociedade;

– a ajuda concreta às necessidades materiais e espirituais urgentes daqueles que recorrem às nossas comunidades;

– a participação nas coletas diocesanas em favor das campanhas promovidas pela CNBB, pela Caritas, ou pela Santa Sé.

Poderíamos elencar ainda outros motivos para bendizermos o Senhor por seu amor que atua em nós e através de nós. Por esses e por todos os demais damos graças, em espírito de humildade e gratidão, a Deus e a tantos irmãos na fé que colaboram com a graça de Cristo e se colocam incansavelmente à disposição, a fim de que a caridade se torne concreta em nossa Igreja que está em Goiânia.

2.2. “...o que importa é prosseguir decididamente” (Fl 3,16)

Ao mesmo tempo, o realismo cristão nos faz reconhecer que temos muito

que colaborar com a graça de Cristo, a fim de que nossa resposta ao seu amor seja sempre mais profunda e responsável. A fim de individuar com precisão onde nossa resposta pode ser mais bem qualificada, precisamos ser capazes de verificar, pessoal e comunitariamente, “a autenticidade do nosso amor, a começar pela relação com os mais próximos: na família, na comunidade, na paróquia, na Arquidiocese, nos vários ambientes de trabalho, de estudo, de vida”⁹⁸.

Tendo em vista os princípios da *Doutrina Social da Igreja*, queremos agora oferecer indicações concretas para uma resposta de fé e amor ao Senhor. Estas indicações nascem da análise das contribuições dos membros da nossa Igreja particular, organizados em grupo ou individualmente. Como as indicações para o serviço concreto da caridade em nossa Arquidiocese e para a resposta aos apelos urgentes nela presentes, dadas por nosso Arcebispo na sua carta pastoral *O amor vence tudo*, reassumem em si tudo que foi oferecido concretamente pelos agentes de nossas comunidades, usaremos essas indicações como ponto aglutinador das diversas contribuições.

Sabemos que a ação social dos cristãos, como ação em favor da construção de uma sociedade que corresponda ao plano amoroso de Deus para a humanidade, deve atuar de dois modos principais: construindo estruturas de justiça e, ao mesmo tempo, atendendo as necessidades concretas dos irmãos⁹⁹. Por isso, dividimos as indicações concretas em dois grupos.

98 WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 53.

99 Cf. BENTO XVI, *Deus caritas est*, 28.

2.2.1. Pastoral Social

A Pastoral Social é “a ação do Povo de Deus na sociedade, como fermento, sal e luz, transformando-a pelo testemunho e a ação para que seja mais justa, solidária e fraterna, anunciando assim os valores do Reino definitivo”¹⁰⁰. Por esta ação, os cristãos contribuem para a desconstrução das estruturas de pecado e favorecem a construção de estruturas de justiça.

Sendo a ação do povo de Deus, a Pastoral Social atinge transversalmente todas as atividades e ações pastorais, sobretudo a dos leigos e das instituições dedicadas aos serviços pastorais em dimensão social¹⁰¹. Portanto, em todos os âmbitos de nossa Igreja particular, deve-se implementar, motivar e qualificar a Pastoral Social, fundada sobre a leitura orante da Palavra de Deus e o estudo cuidadoso da realidade, interpretada à luz do Evangelho e dos sinais do Reino já presentes.

Como caminhos de ação a serem percorridos pela Pastoral Social, podemos indicar¹⁰²:

– conhecer e difundir a *Doutrina Social da Igreja*, despertando nos agentes sociais um maior interesse por aprofundar as suas indicações a partir do estudo da realidade.

100 WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 57.

101 Inclui-se aqui: a *Caritas*, a Pastoral da Criança, a Pastoral do Menor, o Setor Juventude e Vocações, as Mães Solteiras, a Pastoral da Pessoa Idosa, a Pastoral Carcerária, a Pastoral da Saúde e outras.

102 CF. WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 59.

Esta doutrina parte de um princípio indiscutível, a dignidade do ser humano, fundado sobre o amor criador e recriador de Deus pelo homem. Por isso, é importante que todos “os agentes de evangelização (bispos, sacerdotes, professores, animadores pastorais etc.) assimilem este tesouro que é a *Doutrina Social da Igreja* e, iluminados por ela, se façam capazes de ler a realidade atual e de buscar vias de ação”¹⁰³. Ao mesmo tempo, devemos buscar caminhos para aprofundar o ensino dessa doutrina, adaptando a linguagem e a metodologia para torná-la acessível a todos;

– iluminar a vida dos homens e sua realidade, reafirmando que a dimensão profética da Igreja é um serviço permanente ao projeto de Deus sobre o homem. A profecia deve conjugar dois aspectos: a denúncia do pecado social, das injustiças, dos sinais de morte, das estruturas de opressão e dos ataques à dignidade humana, fazendo suas as reivindicações dos direitos dos mais fracos, favorecendo e incentivando o diálogo na solução dos conflitos; e um forte anúncio da boa nova de Jesus e da esperança que dela brota, anúncio esse exigido pela situação atual de nosso povo. Para tanto, devemos valorizar e qualificar o uso dos meios de comunicação que a nossa Igreja particular possui. Nesse serviço profético, deve transparecer claramente a opção preferencial que a Igreja faz pelos mais pobres;

103 Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in America*, 54. Como lembrou-nos nosso Arcebispo: “Hoje, graças a Deus, contamos com um instrumento valiosíssimo que é o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, texto que todos os agentes da pastoral social têm de estudar profundamente, encontrando nele as luzes para a ação pastoral” (WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 42).

– formar e acompanhar espiritual e pastoralmente cristãos que sejam capazes de atuar nas diversas instâncias de nossa sociedade, por exemplo, a política, para que possam dar um testemunho eficaz do amor a Cristo e aos irmãos, colaborando para a humanização de nossa sociedade;

– criar espaços de participação e de diálogo para encontrar respostas rápidas a problemas urgentes, sem perder de vista a necessidade de planejar e urgir soluções de fundo. Isso inclui também a abertura ao ecumenismo, de modo que a colaboração com outras confissões religiosas seja uma porta aberta ao conhecimento, à integração e à comunhão fraterna;

– evangelizar e tornar solidárias as relações humanas e/ou institucionais. A Pastoral Social procurará iluminar e ajudar a melhorar as relações institucionais das diversas sociedades intermédias, por exemplo, os partidos políticos, sindicatos, ONGs, associações empresariais, universidades, organizações populares de bairros e de vizinhos etc, seguindo o princípio da solidariedade e subsidiariedade, respeitando a liberdade e as características de cada uma;

– tornar presente a dimensão social em toda a pastoral da Igreja, isto é, promover a transversalidade, a pastoral orgânica, fomentando a coordenação das distintas pastorais específicas, relacionadas com a dimensão social. Em toda essa multiplicidade de opções e tarefas, buscar sempre a comunhão eclesial;

– no estudo da realidade social, ampliar o olhar para todos os setores que

fazem a vida social – família, infância, juventude, ancianidade, educação, habitação, economia, trabalho etc;

– formar famílias segundo o plano de Deus, de modo que os esposos, pais e filhos reforcem tudo o que os une e superem as dificuldades que os dividem e todos aprendam a viver em família, como espaço de encontro com Cristo e escola de amor a ele e aos irmãos;

– colaborar para que haja uma consciência renovada da responsabilidade individual e social de cada cidadão, de modo particular dos cristãos, para a resolução dos diferentes problemas sociais de nossa sociedade. Para tanto, especial atenção merece a formação das consciências, para que cada pessoa seja capaz de construir relações fundadas na responsabilidade e no amor gratuito pelo outro;

– dar atenção especial à pastoral dos jovens, para que o encontro com Cristo lhes dê um novo horizonte de vida a ser vivido com entusiasmo e esperança, abrindo-lhes a possibilidade de um futuro marcado pela vivência dos grandes ideais do amor, da pureza e do serviço, que superem as caricaturas de vida que lhes são propostas, marcadas pelo álcool, pelas drogas, pela procura incessante tão somente da aparência física, em detrimento da riqueza espiritual, psicológica e afetiva;

2.2.2. Obras Sociais

Junto com as iniciativas que visam transformar as estruturas de nossa sociedade penetrando-as da justiça do Reino de Deus, não podemos deixar de dar respostas

aos apelos urgentes de muitos irmãos famintos, desempregados, explorados, sem-teto, ignorantes, desabrigados das catástrofes ambientais, enfermos, prisioneiros, perseguidos, ou aqueles que vivem sem as mínimas condições de vida para sobreviver com as próprias forças¹⁰⁴. Essa resposta concreta deve ser fruto da ação de toda a Igreja e de cada um de seus membros, que, em comunhão, reza, reflete e discerne os caminhos justos de ação pastoral.

Como ações concretas de ajuda, indicamos:

– procurar na relação com Cristo e na comunhão e diálogo com os irmãos, aquela criatividade que é própria do amor, a fim de dar uma resposta coerente com o problema a ser resolvido, uma vez que as situações que exigem nossa ação concreta são sempre novas e diferentes umas das outras;

– procurar a gestão de empreendimentos, depois de um bom planejamento e definição de objetivos concretos, possíveis e avaliados, a fim de que nossa ação seja capaz de dar uma resposta correta e de modo correto;

– exercitar o espírito de paternidade sem cair no paternalismo, ou seja, partindo dos princípios da solidariedade e subsidiariedade, ajudar nossos irmãos e ao mesmo tempo colocá-los em condição de serem artífices do seu próprio sustento, nunca colaborando com um possível comodismo situacional;

104 Cf. WASHINGTON CRUZ, *O amor vence tudo*, 49.

– coordenar as ações entre as diversas pastorais, comunidades, paróquias, vivendo o espírito de comunhão, a fim de otimizar e fortalecer a ajuda oferecida.

2.3. “Senhor, que queres que eu faça?” (At 9,6)

Com essa pergunta, Paulo dá início a um novo momento de sua vida e, continuando seu caminho fé, adere a Cristo depois de tê-lo encontrado. Também nós queremos viver, a partir do Sínodo, um momento renovado em nossa Arquidiocese, dando continuidade à sua história de compromisso com o Reino de Deus. Por isso, queremos oferecer algumas perguntas que podem colaborar com o processo de compreensão da vontade do Senhor para nossa Igreja em Goiânia.

Visto que amamos porque Deus nos amou por primeiro, nos perguntamos:

1. Que imagem de Deus construímos? Que incidência ela tem na nossa vida cristã?
2. Como compreendemos o amor de Deus pela humanidade?
3. Como temos vivido e cultivado nosso encontro com Cristo, ponto de partida de uma verdadeira vida cristã?
4. Qual tem sido nossa resposta de fé-amor a Cristo e aos irmãos?
5. Em que âmbitos tal resposta tem sido deficitária? Como podemos torná-la mais responsável e profunda?

6. Qual compreensão temos da caridade cristã? Como podemos aprofundá-la?

7. Somos concretos no nosso modo de amar? Qual tem sido nossa resposta de amor a Deus e aos irmãos?

Nossa Igreja já deu grandes passos no âmbito da resposta de caridade, mas precisa continuar a responder ao Senhor. Assim sendo:

8. Como podemos reconhecer com gratidão ao Senhor e às pessoas por esses passos?

9. Como temos procurado conhecer e difundir a Doutrina Social da Igreja?

10. Qual tem sido nosso compromisso profético em relação à realidade que nos cerca?

11. Como temos formado e acompanhado os cristãos na sua responsabilidade de santificar as realidades temporais?

12. Temos trabalhado em comunhão com todos, cristãos e não cristãos? Como podemos favorecer a comunhão em nossas comunidades e na sociedade em vista do bem comum?

13. Planejamos nossas ações pastorais concretas? De que modo planejamos?

14. Qual tem sido a assunção da nossa responsabilidade pessoal e comunitária na transformação da realidade? Vivemos uma fé privada ou comprometida com a dimensão social da vida humana?

15. Como assumimos a formação da consciência cristã?

16. Como vivemos a solidariedade e a subsidiariedade na nossa ação pastoral?

17. Que motivações trazemos para as nossas obras sociais?

18. Como vivemos a dimensão social de todas as nossas pastorais?

CONCLUSÃO

Vivemos em dias de possibilidades, de oportunidades múltiplas. A maior oportunidade para cada um de nós e para nossos contemporâneos é a de acolher e compartilhar a vida em sua plenitude. Ao nosso Deus, criador, redentor e santificador, toda a nossa gratidão pela possibilidade de nele encontrar a fonte, a força e o sentido de nosso viver.

Em Cristo Jesus, membros de seu Corpo, artesãos de sua caridade para com os de longe e os que estão próximos, somos interpelados a acolher e a manifestar o vigor do Evangelho na Igreja que peregrina em Goiânia nos inícios do século XXI. Herdeiros de um incontestável testemunho de tantos irmãos e irmãs, missionários, leigos, religiosos, padres e bispos, que nos precederam, nos propomos a pensar e sugerir os caminhos mais adequados para a continuidade da missão da Igreja Católica.

Temos uma certeza: queremos caminhar juntos! Desejamos viver um sínodo!

Agradecemos, de coração, aos que nos ajudaram na elaboração e revisão deste texto. Pedimos aos membros da Assembleia Sinodal que, crescendo na reflexão sobre as conquistas, riquezas, desafios, ou mesmo incertezas presentes na atuação da Igreja, elaborem desde já (se possível por escrito) as proposições relativas às realidades mais próximas à sua convivência, atuação, ou reflexão em nossa Arquidiocese. Tais proposições serão objeto de atenção em cada uma das

Sessões Sinodais, conforme a temática já conhecida.

Vamos nos encontrar em breve!

A vós, Senhora Auxiliadora, pedimos que interceda junto a Jesus para que sejam abundantes os frutos de nosso Sínodo Arquidiocesano. Amém!

BIBLIOGRAFIA

BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est*. Sobre o amor cristão (25 de dezembro de 2005), AAS 98 (2006), 217-252.

_____, Carta Encíclica *Caritas in veritate*. Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade (29 de junho de 2009), AAS 101/8 (2009), 641-709.

_____, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini*. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja (30 de setembro de 2010), AAS 102/11 (2010) 681-787.

Catecismo da Igreja Católica, Edições Loyola, São Paulo 2000.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição Conciliar *Sacrosanctum concilium*. Sobre a sagrada liturgia (04 de dezembro de 1963), AAS 56 (1964) 97-138.

_____, Constituição Dogmática *Lumen gentium*. Sobre a Igreja (21 de novembro de 1964), AAS 57 (1965) 5-71.

_____, Constituição Dogmática *Dei Verbum*. Sobre a revelação divina (18 de novembro de 1965), AAS 58 (1966) 817-836.

____, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Sobre a Igreja no mundo de hoje (07 de dezembro de 1965), AAS 58 (1966) 1025-1120.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, *Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, Edições CNBB – Paulus – Paulinas, São Paulo 2007.

DOM WASHINGTON CRUZ, *Sínodo Arquidiocesano. “O amor de Cristo nos uniu”*, Série Pastoral 08, Goiânia 2008.

____, *O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia*, Série Pastoral 10, Goiânia 2010.

____, *O amor vence tudo. Carta pastoral sobre a caridade*, Série Pastoral 12, Goiânia 2011.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Familiaris consortio*. Sobre a função da família cristã no mundo de hoje (22 de novembro de 1981), AAS 74 (1982) 81-191.

____, Carta Encíclica *Dives in misericordia*. Sobre a misericórdia divina (30 de novembro de 1980), AAS 72 (1979) 1177-1232.

____, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*. Pelo vigésimo aniversário da Encíclica *Populorum Progressio* (30 de dezembro de 1987), AAS 80/5 (1988) 513-586.

____, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in America*. Sobre o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América (22 de janeiro de 1999), AAS 91 (1999) 737-815.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
I PARTE: A PALAVRA	7
1. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus...e o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,1.14).....	8
1.1. “Muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus...” (Hb 1,1)	9
1.2. “Guarda o precioso depósito, pela virtude do Espírito Santo” (2Tm 1,14) ..	11
2. “Tua palavra é lâmpada para os meus passos, luz para o meu caminho” (Sl 118,105)	13
2.1. “Fala, Senhor, que teu servo escuta” (1Sm 3,10)	14
2.2. “Senhor, a quem iríamos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (Jo 6,68) ..	15
2.3. “Vós já estais purificados pela palavra que eu vos disse” (Jo 15,3)	16
2.4. “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho” (Mc 16,15)	17
3. O homem vive “de tudo o que sai da boca do Senhor” (Dt 8,3)	18
3.1. “...ouvimos falar de vossa fé em Jesus Cristo...” (Cl 1,4)	18

3.2. “Jesus, Filho de Davi tem piedade de mim...” (Mc 10,47).....	21
3.3. “...aplica-te à leitura da Escritura, à exortação, ao ensino” (1Tm 4,13).....	23
3.4. “Mestre, o que devo fazer...?” (Mc 10,17)	27
II PARTE: A LITURGIA	29
1. “a Ele seja dada glória na Igreja, e em Cristo Jesus, por todas as gerações” (Ef 3,21)	30
1.1. “Ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja” (Cl 1,18).....	30
1.2. “...agora sois povo de Deus” (1Pd 2,9)	33
2. “Santifica-os pela verdade” (Jo 17,17)	36
2.1. “A Ele louvor a glória eternamente” (Dn 3,52)	36
2.2. “ende piedade, ó meu Deus, misericórdia” (Sl 50,3)	38
2.3. “Que é que nós devemos fazer, irmãos” (At 2,37).....	39
III PARTE: A CARIDADE	45
1. “...porque Deus nos amou por primeiro” (1Jo 4,19).....	46

1.1. “Israel é meu filho, o meu primogênito” (Ex 4,22)	47
1.2. “E amando os seus (...) amou-os até o fim” (Jo 13,1)	52
2. “Nós, porém, amamos...” (1Jo 4,19).....	56
2.1. “Dai graças ao Senhor porque Ele é bom” (Sl 117,1)	59
2.2. “..o que importa é prosseguir decididamente” (Fl 3,16).....	61
2.2.1. Pastoral Social.....	62
2.2.2. Obras Sociais.....	66
2.3. “Senhor, que queres que eu faça?» (At 9,6)	67
CONCLUSÃO	71
BIBLIOGRAFIA	73
ÍNDICE	77

